AUTORA: SANDRA ALLEGRETI

AREA TEMÁTICA – GESTALT E AÇÕES INSTITUCIONAIS E SOCIAIS (ESCOLA, ORGANIZAÇÕES, ESPORTES, COMUNIDADES)

MODALIDADE - MINICURSO

TÍTULO – Clínica ampliada e práticas grupais em Gestalt-terapia no adoecimento crônico em contextos socioinstitucionais e comunitários

JUSTIFICATIVA

O adoecimento crônico, especialmente no campo das doenças reumatológicas, convoca uma compreensão ampliada do cuidado em saúde, uma vez que seus impactos extrapolam a dimensão orgânica, alcançando aspectos subjetivos, relacionais e existenciais da experiência humana. Nesse contexto, a Gestalt-terapia, ao compreender o sujeito como um ser em constante relação com o meio, oferece fundamentos consistentes para práticas clínicas que considerem a complexidade do sofrimento.

A clínica ampliada, articulada à abordagem gestáltica, possibilita a construção de intervenções que ultrapassam o setting tradicional, inserindo-se em contextos comunitários e socioinstitucionais. As práticas grupais, por sua vez, mostram-se dispositivos potentes nesse cenário, favorecendo o compartilhamento de experiências, o fortalecimento de vínculos e a construção coletiva de sentidos frente ao adoecimento.

Apesar da relevância dessas práticas, ainda se observa a necessidade de maior sistematização e difusão de experiências clínicas que articulem Gestalt-terapia, clínica ampliada e trabalho grupal com pessoas em adoecimento crônico. Assim, este minicurso justifica-se como um espaço formativo que visa contribuir para a qualificação da prática clínica, ampliando repertórios teóricos e metodológicos dos profissionais.

OBJETIVO GERAL

Apresentar e discutir a articulação entre clínica ampliada e práticas grupais em Gestalt-terapia no cuidado a pessoas em adoecimento crônico, a partir de uma perspectiva teórico-prática.

Objetivos específicos:

- Compreender os fundamentos da clínica ampliada na interface com a Gestalt-terapia;
- Discutir o adoecimento crônico a partir de uma perspectiva relacional e existencial;
- Analisar o grupo como dispositivo clínico em contextos comunitários e institucionais;

- Apresentar experiências práticas desenvolvidas no contexto do PSICOARTE;
- Favorecer a experimentação de recursos vivenciais aplicáveis ao trabalho grupal.

METODOLOGIA

- O minicurso será desenvolvido a partir de uma abordagem teórico-vivencial, articulando exposição dialogada, discussão de situações clínicas e experimentações práticas. Serão apresentados fundamentos conceituais da Gestalt-terapia, da clínica ampliada e das práticas grupais, seguidos da problematização de experiências clínicas em contextos de adoecimento crônico.

- As atividades vivenciais incluirão dinâmicas de sensibilização, exercícios de awareness e utilização de recursos expressivos inspirados na arteterapia, favorecendo a experimentação dos conceitos trabalhados. Também serão propostas discussões em pequenos grupos, estimulando a troca de experiências entre os participantes e a construção coletiva de conhecimento.

- A metodologia busca integrar teoria e prática, promovendo um campo de aprendizagem experiencial, coerente com os princípios da abordagem gestáltica.

APRENDIZADOS ESPERADOS

Espera-se que os participantes possam:

- Ampliar a compreensão sobre o adoecimento crônico a partir de uma perspectiva gestáltica e relacional;
- Reconhecer o potencial das práticas grupais como dispositivos clínicos em contextos ampliados;
- Desenvolver maior sensibilidade para a escuta das dimensões subjetivas e existenciais do sofrimento;
- Experimentar recursos vivenciais que possam ser incorporados à prática clínica;
- Fortalecer a capacidade de atuação em contextos coletivos, com maior flexibilidade e criatividade nos ajustamentos clínicos.

RELEVÂNCIA PARA A ABORDAGEM GESTÁLTICA

- O minicurso contribui para o fortalecimento da Gestalt-terapia enquanto abordagem clínica comprometida com a complexidade da experiência humana e com os contextos nos quais ela se constitui. Ao articular clínica ampliada, práticas grupais e adoecimento crônico, amplia-se o campo de atuação gestáltico para além do setting individual, reafirmando seu potencial em contextos comunitários e institucionais.

- Além disso, a proposta valoriza a dimensão relacional do cuidado, a construção de awareness em campo e a experimentação como via de aprendizagem, aspectos centrais da abordagem. Ao sistematizar e compartilhar uma prática consolidada, como a do PSICOARTE, o minicurso contribui para a produção de conhecimento situado, fortalecendo o diálogo entre teoria e prática na Gestalt-terapia contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

- Gestalt-terapia
- Clínica ampliada
- Adoecimento crônico
- Práticas grupais
- Arteterapia

RESUMO

A Gestalt-terapia compreende o ser humano como um organismo em constante relação com o meio, inserido em um campo dinâmico no qual experiência, percepção e ação se constituem de forma indissociável. Nessa perspectiva, o sofrimento psíquico não se restringe ao indivíduo tomado isoladamente, mas emerge da relação organismo-ambiente, sendo atravessado por dimensões sociais, culturais, históricas e existenciais (RIBEIRO, 1985). Tal compreensão desloca o olhar clínico de uma abordagem centrada exclusivamente no intrapsíquico para uma perspectiva relacional e contextual, sensível às condições concretas em que a vida se produz.

Essa concepção sustenta a ampliação do fazer clínico para além do setting tradicional, orientando práticas inseridas em contextos socioinstitucionais e comunitários. A clínica ampliada propõe um cuidado que considera o sujeito em sua totalidade e em sua realidade concreta, favorecendo processos de autonomia, corresponsabilização e construção de sentido (BRITO, 2015), especialmente no acompanhamento de pessoas em situação de adoecimento crônico, cujas demandas ultrapassam o âmbito biomédico e convocam atenção às experiências subjetivas e relacionais implicadas no viver com a doença.

No campo das doenças reumatológicas, como artrite reumatoide, lúpus e fibromialgia, a experiência de adoecimento ultrapassa o corpo físico, alcançando dimensões subjetivas, sociais e existenciais. A dor persistente, as limitações funcionais, as alterações na rotina, a dependência eventual de cuidados e as incertezas quanto à progressão da condição impactam profundamente a identidade, a autoestima, os vínculos e os projetos de vida. Trata-se, portanto, de um campo que exige abordagens clínicas capazes de acolher a complexidade da experiência humana em sofrimento.

Nesse cenário, o trabalho grupal configura-se como um dispositivo privilegiado, ao favorecer a troca de experiências, o reconhecimento mútuo e a construção de vínculos. O grupo torna-se um campo vivo de contato, no qual o sujeito pode se perceber em relação, ampliando sua awareness e suas possibilidades de escolha (RIBEIRO, 1994).

Mais do que um espaço de fala, o grupo pode constituir-se como lugar de elaboração, sustentação e ressignificação da experiência vivida, produzindo efeitos clínicos e também sociais.

Estudos sobre práticas grupais em Gestalt-terapia com pacientes em adoecimento crônico evidenciam que esses espaços favorecem o suporte emocional e a construção de novos sentidos diante da doença (FERRI et al., 2022). Em grupos com mulheres com fibromialgia, observa-se que a partilha da experiência da dor promove identificação, validação do sofrimento e redução do isolamento, aspectos fundamentais para pessoas que frequentemente vivenciam incompreensão e invisibilização de sua condição.

De modo semelhante, intervenções em saúde pública desenvolvidas com usuários de serviços de saúde indicam que grupos gestálticos funcionam como dispositivos clínico-sociais, fortalecendo vínculos e redes de apoio (CARDOSO, 2009). Tais espaços favorecem pertencimento, circulação da palavra e construção coletiva de sentido, ampliando a compreensão do cuidado como processo compartilhado e não apenas como intervenção técnica individualizada.

Além disso, estudos em contexto hospitalar com pacientes crônicos em tratamento contínuo, como pessoas em hemodiálise, mostram que a atuação gestáltica contribui para a elaboração emocional do adoecimento e para a humanização do cuidado (SILVA, 2014). A escuta clínica, nesse contexto, possibilita que o sujeito seja reconhecido para além do diagnóstico, de modo que sua dor, sua história e suas formas singulares de enfrentamento encontrem lugar de expressão e legitimação.

A perspectiva relacional contemporânea (ROBINE, 2006) amplia essas possibilidades ao compreender o contato como fenômeno que se dá em um campo compartilhado. Assim, o cuidado em Gestalt-terapia pode ser pensado como produção de presença, abertura ao encontro e construção de formas mais criativas de ajustamento diante das condições impostas pelo adoecimento.

Essas contribuições dialogam diretamente com a experiência do PSICOARTE, serviço criado em 2003 no âmbito do GARCE — Grupo de Apoio aos Pacientes Reumáticos do Ceará —, voltado à promoção da saúde mental de pessoas em adoecimento crônico. O serviço estrutura-se a partir de práticas grupais e da arteterapia, configurando-se como espaço de escuta, expressão e elaboração da experiência em contexto comunitário. Ao longo de sua trajetória, vem se consolidando como um campo de cuidado que articula clínica, acolhimento e fortalecimento de vínculos.

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo teórico-prático, de natureza qualitativa, fundamentado na articulação entre referenciais da Gestalt-terapia e a prática desenvolvida no serviço. A análise foi organizada em eixos como awareness, ajustamento criativo, vínculos e ressignificação do adoecimento. Trata-se de uma reflexão baseada na experiência, sem pretensão de generalização dos resultados, mas com potencial de diálogo com contextos semelhantes.

A experiência evidencia que os grupos favorecem a ampliação da consciência sobre a vivência com o adoecimento crônico, promovendo maior apropriação da experiência e redução do isolamento. Observa-se também o desenvolvimento de ajustamentos criativos mais flexíveis, permitindo reorganizações na relação com o corpo, com o sofrimento e com a vida. A arteterapia mostra-se um recurso potente ao possibilitar a expressão simbólica de conteúdos emocionais, contribuindo para a ampliação da awareness e para a reorganização subjetiva.

Nesse contexto, a proposição deste minicurso justifica-se pela necessidade de ampliar e aprofundar a prática clínica gestáltica em contextos socioinstitucionais e comunitários, com ênfase em práticas grupais no cuidado ao adoecimento crônico. Fundamentado na clínica ampliada, o minicurso propõe a articulação entre teoria e experiência por meio de estratégias vivenciais, discussão de situações clínicas e utilização de recursos expressivos. Ancorado na experiência do PSICOARTE, configura-se como um dispositivo formativo que favorece a reflexão crítica e a construção coletiva de conhecimento. Diferencia-se por articular uma experiência clínica consolidada em contexto comunitário com dispositivos vivenciais, possibilitando não apenas a compreensão conceitual, mas a experimentação dos processos gestálticos em campo. Espera-se, assim, que os participantes possam transpor os elementos trabalhados para sua prática clínica, especialmente em contextos coletivos, ampliando recursos de intervenção grupal e fortalecendo uma atuação eticamente comprometida com a complexidade do adoecimento crônico.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

BRITO, Maria Alice. *Clínica ampliada: uma perspectiva em construção*. São Paulo: Hucitec, 2015.

CARDOSO, C. L. Práticas grupais em saúde pública: contribuições da Gestalt-terapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 45–53, 2009.

FERRI, L. et al. Grupos terapêuticos com pacientes com fibromialgia: contribuições da Gestalt-terapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 28, n. 1, p. 89–98, 2022.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus, 1985.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica*. São Paulo: Summus, 1994.

ROBINE, Jean-Marie. *Contato e relação em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2006.

SILVA, M. R. A prática da Gestalt-terapia em contexto hospitalar: contribuições no cuidado a pacientes crônicos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 20, n. 2, p. 67–75, 2014.